

PROCESSO EDUCATIVO: POSSIBILIDADES DIDÁTICO- PEDAGÓGICAS NO ESPAÇO NÃO ESCOLAR

Ayllana Araújo Pinto

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – ayllana_21@hotmail.com

Helena Perpetua de Aguiar Ferreira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – helenaaguiar@gmail.com

RESUMO

Este artigo se trata de uma pesquisa que poderá contribuir para as discussões no campo da educação não formal, pois tem a pretensão de analisar o processo educativo no que concerne às possibilidades didático-pedagógicas de atuação dos pedagogos em espaços não escolares. Objetiva, para tanto, compreender como vêm se construindo os saberes que se situam para além dos muros escolares, buscando fundamentação teórica em autores que tratam da educação informal, formal e não formal, como Gohn (2010), Park, Ferandes e Carnicel (2007) e Trilla e Ghanem (2008). Defende-se, a partir da afirmação de Libâneo (2010) de que o pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, que a formação se constitui de saberes e das práticas pedagógicas apontadas por Veiga (1994), partindo do pressuposto de que as práticas pedagógicas não significam receitas prontas e acabadas, mas envolvem dimensões relacionadas à rotina, ao *habitus* e à formação do professor, observando-se o contexto de complexidade e diversidade no qual se inserem. Esta pesquisa de cunho qualitativo (BIKLEN; BOGDAN, 1994) apoia-se na abordagem etnometodológica (COULON, 1995), corrente sociológica que investiga a forma como os sujeitos constroem seu mundo. As discussões apresentadas nesta pesquisa são contribuições que objetivam ressaltar a importância do papel das ações desenvolvidas em espaços não formais educativos e do reconhecimento do trabalho pedagógico significativo do pedagogo. Elas contribuem para a produção do conhecimento e a divulgação dos saberes desenvolvidos pelo trabalho, uma vez que o campo da educação não formal encontra-se em construção do seu conceito.

Palavras-chave: Educação não formal, Espaço não escolar, Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

De acordo com Brandão (2007), não há uma só forma ou modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece, talvez nem seja o melhor, e o sujeito está o tempo todo em desenvolvimento, adquirindo novos conhecimentos. Assim, partindo do autor citado, podemos dizer que existem diferentes momentos e lugares de nos educarmos.

A intenção de produzirmos este artigo é apresentar a pesquisa realizada, a qual surgiu a partir de reflexões acerca do tema espaço não escolar, relacionando-o com a vivência da pesquisadora/coordenadora do referido projeto, resultado de cinco anos de trabalho em um hospital. A nomenclatura não escolar, utilizada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o

curso de Pedagogia (2005), não conceitua sua compreensão a respeito, somente se configura como indicativo de que se trata de mais campos de atuação do pedagogo, na medida em que a sociedade contemporânea vem solicitando a esse profissional que atue em diferentes contextos educativos. Para compreender o que são espaços não escolares, o pesquisador Afonso (1989) afirma que eles são sinônimos de educação não formal. Outros estudiosos, como Gohn (2010), Park, Fernandes e Carnicel (2007), Trilla e Ghanem (2008), dentre outros, apontam-nos como locais em que vêm se desenvolvendo atividades educativas significativas, intencionalizadas, sistematizadas, organizadas, planejadas e com objetivos claros, para possibilitar ao sujeito se instruir ou dar continuidade à sua formação. Muitas dessas ações podem ser encontradas em ONGs, hospitais, museus, igrejas, dentre outros contextos.

Libâneo (2011), pesquisador do campo da educação/formação e currículo, aponta que o pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente, ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista, objetivos previamente definidos de formação humana em sua contextualização histórica.

Dentro da Universidade, sentimos a necessidade de reforçarmos o propósito de estudar o campo da educação não formal, apresentando como indicativo as Diretrizes (2005) e tendo a preocupação com a formação profissional, mais especificamente com a formação docente para diferentes locais de atuação. No que diz respeito à formação acadêmica, pensando em melhor qualidade de formação e qualificação para atender às demandas da sociedade contemporânea, de tamanha complexidade, alguns cursos de Pedagogia, incluindo o da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), têm proporcionado um momento aos seus graduandos, como o Estágio III, para dialogarem sobre o assunto, indo até os locais para observá-los e entender como vêm sendo desenvolvidas as ações educativas.

Portanto, nosso desafio é compreender como têm se dado a formação e as práticas pedagógicas de profissionais da educação (focando nos pedagogos) nos espaços não escolares, envolvendo os contextos, os sujeitos e as aprendizagens.

O objetivo central deste estudo é analisar o processo formativo e as práticas pedagógicas de educadores no espaço não formal do 13º Grupo de Escoteiros Maxwell de Barros Machado – Projeto Janduís/Assu-RN. Para tanto, focamos nas ações pedagógicas dos educadores que atuam nesse espaço, tratando do ser educador no espaço não formal, de quais metodologias são utilizadas, das metas desejadas, das aprendizagens e saberes dos seus alunos e da avaliação. Destacamos, ainda, a importância de entendermos as dificuldades apresentadas na relação teoria-prática no seu dia a dia, buscando trilhar o perfil do pedagogo que atua nos

espaços não escolares. Por fim, discutimos e analisamos como está estruturado o curso de Pedagogia da UERN (formação inicial) e quais são os seus fundamentos teórico-metodológicos, o qual se volta para a formação do pedagogo em espaços não escolares.

Acreditamos que, através do trabalho desenvolvido, esta pesquisa pode trazer contribuições significativas para a compreensão de como vêm sendo elaboradas e conduzidas ações educativas de diferentes educadores (com foco nas práticas pedagógicas dos pedagogos) em espaços não escolares, entendendo, assim, como eles estão sistematizando e organizando os conteúdos a serem trabalhados, quais são suas propostas, quais são os procedimentos e metodologias utilizados, qual é a definição espacial e temporal nesses ambientes, quais são as relações da sua prática do dia a dia com os conhecimentos propostos e como vem acontecendo a atuação do pedagogo nesse contexto escolhido, se o seu papel é o de gestor, organizador de todas as atividades desenvolvidas e responsável pela instituição Projeto Janduís.

Além disso, este estudo pode contribuir como elemento norteador para as disciplinas do atual currículo da UERN, implantado em 2007, não se limitando ao curso de Pedagogia, mas englobando também todas as licenciaturas que discutem a temática. Assim, cria-se a possibilidade de aprofundar o conhecimento sobre o tema, já que atualmente há uma carência de pesquisa acerca dessa temática (GOHN, 2010).

Pode-se concluir que esta investigação consistiu em um trabalho significativo para nosso desenvolvimento intelectual, possibilitando, de fato, nossos primeiros olhares sobre os saberes e papéis construídos no espaço não escolar, os quais, relacionados à fundamentação teórica e aos dados de pesquisas, apontam que um ambiente de desenvolvimento e de conhecimento, preocupado com a formação integral do sujeito, oferece instrumentos pedagógicos que nos dão condições de viver em sociedade, participar como cidadãos e nos sentirmos partes de tudo isso. Ele deve ser um espaço de parceria com a escola, e não de divisões, com profissionais que estão envolvidos com o ser humano, que (re)significam suas práticas todos os dias e estão em constante comprometimento com o que fazem. Dessa forma, este seria um lugar de excelência do pedagogo, pois é o profissional que tem, em sua formação, a preocupação de cuidar das pessoas em prol da cidadania, de desenvolver ações humanizadoras (cuidar e educar), de organizar o espaço para a aprendizagem e de ensinar para o trabalho e a vida.

PROJETO JANDUÍS: AÇÕES NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA SOCIAL

Para analisarmos o processo formativo e as práticas pedagógicas de educadores no espaço não escolar do 13º Grupo de Escoteiros Maxwell de Barros Machado – Projeto Janduís/Assu-RN, partimos da concepção de que a educação, enquanto processo, pode ser compreendida como atividade educativa (de ensino e aprendizagem) que se desenvolve durante a vida inteira e em diferentes contextos, formais e não formais.

Esses contextos formais e não formais, principalmente o campo da educação não formal, têm um papel essencial nesse processo, pois, nestes, como pudemos averiguar, há o comprometimento de um trabalho pedagógico e intencional, que oportuniza ao sujeito caminhos para a sua inserção no mundo do trabalho, do social e do intelectual.

O nosso lócus, o Projeto Janduís, fundado no dia 4 de fevereiro de 1997, é reconhecido, pela Lei n. 191, de fevereiro de 2006, como uma instituição sem fins lucrativos, atendendo, atualmente, um número de 250 crianças/adolescentes carentes. Conta com a participação de 8 funcionários, 5 educadores e 4 voluntários. Funciona de segunda-feira a quarta-feira, nos turnos matutino e vespertino, das 8h às 11h30min e das 14h às 17h30min, porém, nos anos anteriores, o atendimento ocorria durante toda a semana, mesmo com poucos recursos. Em 2013, por motivos financeiros, precisaram reduzir os dias de trabalho. O projeto possui registro tanto no Conselho Municipal de Serviço Social e dos Direitos da Criança e do Adolescente quanto no Conselho Municipal de Saúde, tendo como principal parceira a Prefeitura Municipal de Assu-RN.

O objetivo do trabalho desenvolvido no nosso lócus de estudo é melhorar o desenvolvimento intelectual, social e afetivo de seus atendentes (crianças e adolescentes) através de oficinas. Desse modo, são oferecidas aulas de dança, reforço escolar, aula de violão, de percussão, de capoeira, de *taekwondo*, de informática e atividades extracurriculares. Vale ressaltar que nesse espaço também é ofertada para as crianças e os adolescentes a alimentação, objetivando a conscientização de uma vida mais saudável. Salientamos, ainda, que há um projeto de organizar e realizar uma horta no local. Assim, reforçamos a importância do Projeto Janduís, que oportuniza a esses sujeitos um desenvolvimento socioeducacional, garantindo o direito a uma vida digna para as crianças e os adolescentes.

Dessa forma, no Janduís, podemos ver que são múltiplas as atividades que envolvem o processo educativo, por meio de diferentes educadores de variadas áreas e diversas aprendizagens, focando contemplar seu objetivo central, o social. Percebemos que esse contexto educativo possibilita aos sujeitos envolvidos (de diferentes idades e de classes menos

favorecidas) mais uma oportunidade de se educarem, por meio de grande riqueza em suas formas de ensinar, dando apoio à educação formal (GOHN, 2010), quando não assumem a responsabilidade da educação formal.

Com esses dados, averiguamos que as ações como um todo englobam a educação na perspectiva da Pedagogia Social. Em síntese, definem-se como ações educativas focadas em amenizar os problemas sociais, as quais são realizadas por educadores ou agentes sociais. De acordo com Gomes (2009, p. 3), as características da Pedagogia Social no Brasil são:

A Pedagogia Social apresenta-se atrelada ao campo da educação não formal e formal, cujos trabalhos são historicamente desenvolvidos pelas ONGs, setores privados em parceria com: empresas, igrejas e o Estado. No Brasil, uma forma de Pedagogia Social atrela-se à história dos menores abandonados: no começo do século passado a problemática dos “menores” e inaptos era de responsabilidade das famílias, dos “pais irresponsáveis”, quando não, das próprias crianças e adolescentes. Propunha-se como possível solução a institucionalização destas, onde não raro havia denúncias de maus-tratos. No fim dos anos sessenta, se observava no Brasil o desenvolvimento de um campo conceitual: o do Movimento dos educadores de rua, com uma linha de trabalho adversa aos princípios da institucionalização das décadas anteriores, e que ainda se faz contemporâneo. Os educadores sociais de rua (E.S.R.) surgem como uma resposta à problemática dos menores excluídos dos anos setenta do século passado.

Ao nos aprofundarmos nas leituras, vimos que o precursor da Educação Social no Brasil foi Paulo Freire, aliando as suas práticas à postura de educador social, que pregava e agia a favor da emancipação do educando, buscando suas bases na realidade deste. Ele teve sua grande experiência no Rio Grande do Norte, na cidade de Angicos, sendo considerado, entre estudiosos da educação não formal (Educação Popular), como Paludo (2001), Brandão (2007) e Gohn (2010) um sistematizador das práticas socioeducativas.

Portanto, na Educação Social, as principais perspectivas que devem se criar acerca dos pedagogos sociais, segundo Petrus (2003), devem ser de prestar apoio de caráter pedagógico, cultural, social e recreativo a indivíduos, grupos e comunidades abrangidas por equipamentos sociais, com vistas à melhoria das condições de vida; de colaborar na prospecção, no estudo e na avaliação de planos de promoção social e comunitária, na identificação de necessidades de preenchimento de tempos livres e em estudos sobre a caracterização do meio social; de promover, desenvolver e/ou apoiar atividades de índole cultural, educativa e recreativa na ocupação de tempos livres de crianças, jovens e pessoas idosas; de dinamizar e/ou apoiar atividades de caráter formativo mediante a realização de

cursos ou campanhas de educação sanitária e formação familiar; e de assegurar, de acordo com as orientações definidas, a articulação entre os equipamentos sociais, as famílias, as outras instituições e os serviços da comunidade.

No Projeto Janduís, há vários educadores de diferentes áreas do conhecimento. O único pedagogo assumiu o papel de gestor, passando a ser visto por ele próprio como o responsável pelo local: *sou o organizador das ações e captador dos recursos para a manutenção do local, como: pagamento dos profissionais, alimentação dos alunos, materiais de uso contínuo e permanente. Sou ainda responsável pela organização de atividades e planejamentos com a equipe.* Conforme encontramos em um estudo sobre o campo da educação não formal, a solicitação do pedagogo, como averiguamos na pesquisa, está ligada diretamente aos conhecimentos e fazeres pedagógicos que os contextos solicitam. Assim, passa a ser sua (do pedagogo) responsabilidade organizar o ensino e desenvolvê-lo, além de cuidar do espaço e sistematizar as diversas práticas.

PRÁTICA PEDAGÓGICA E PLANEJAMENTO NO ESPAÇO NÃO ESCOLAR: ATUAÇÃO EM FAVOR DE SABERES

A respeito do nosso objeto de pesquisa, as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço não escolar vêm se apresentando com certa sistematização. São organizadas com objetivos claros e que vão além dos conteúdos escolares programados, tornando-se práticas sociais e pensadas pedagogicamente, não desenvolvidas somente por pedagogos, mas também por toda a equipe do espaço. É importante percebermos, assim, a necessidade do trabalho do pedagogo.

As práticas pedagógicas, nos escritos de Veiga (1994), destacam-se como ações orientadas por objetivos, finalidades e conhecimentos essencialmente pertinentes ao professor no seu dever como educador, pela busca de condições necessárias à sua realização e, estando inseridas no contexto da prática social, pela leitura da realidade, como conteúdo e objeto de conhecimento.

Na pesquisa, tanto no processo de observação quanto no de entrevista, pode-se compreender que as práticas pedagógicas são desenvolvidas com base nas realidades dos sujeitos, suas vivências e necessidades locais. Todos os educadores planejam, tendo momentos juntos, nos quais discutem as dificuldades das crianças e dos adolescentes envolvidos. Porém, quando focam nas atividades desenvolvidas no dia a dia, cada profissional, como, por exemplo, o professor de música, o de dança e o de reforço escolar,

planeja suas ações pedagógicas individualmente, deixando de ser, a partir do que percebemos, um trabalho pedagógico pensado na perspectiva interdisciplinar.

Esses encontros, além do ato pedagógico, acontecem sempre, discutindo-se como manter o interesse das crianças/adolescentes nas atividades ofertadas. Salientamos que essas são ações sempre mobilizadas e pensadas pelo pedagogo do projeto.

Nesse sentido, o planejamento torna-se um instrumento de trabalho essencial no campo da educação, tanto na escola como no espaço não escolar. Como traz Vasconcelos (2006), faz-se necessário compreender que o planejar é um momento de reflexão sobre a ação, de pensar para melhor fazer/realizar uma ação. É um processo no qual devem ser levados em consideração a realidade concreta e o que nela queremos mudar/transformar para melhor.

Buscando compreender o pensar sobre as práticas pedagógicas dos educandos no que diz respeito ao Projeto Janduí, o pedagogo relata: *as práticas são diversas, não é igual à escola onde tem a professora para cada nível, cada caso desses, eu tenho crianças/adolescentes com realidades muito parecidas, mas com idades diferentes, nível de aprendizagem diferente, quando pensamos no esforço escolar, uma tá lá no 1º ano ou na alfabetização, a outra tá lá no 5º ano, outro no ensino médio, e não temos [pausa], não temos como elaborar um projeto único [sorriu], mas todos os alunos são atendidos. Depois nas atividades de música, dança e etc., são práticas pensadas e organizadas conforme o dom e nível de desempenho, os meninos e as meninas vão fazer conforme o seu agrado, o desejar fazer, mas os educadores sempre pensam partindo do conhecimento que cada um já possui.*

Quando analisamos a fala do pedagogo a respeito das práticas, podemos perceber que essas ações pedagógicas são pontuais, uma vez que partem das necessidades e experiências vividas no contexto, organizando e planejando suas atividades em busca de melhorar suas práticas pedagógicas. São atitudes pedagógicas intencionais que visam a atender seus alunados de forma que aprendam de maneira prazerosa.

Cada campo do conhecimento ofertado, conforme citado anteriormente, utiliza diferentes matérias, como, por exemplo, a música, que abrange a sala com os instrumentos musicais, livros didáticos, atividades, deveres para casa, avaliações. As práticas pedagógicas, no que concerne ao reforço escolar, estão trabalhando os conteúdos da escola, mediante muitas atividades complementares aos conhecimentos específicos de cada saber: matemático, de português, de ciências, dentre outros.

Averiguamos que na sala de reforço são bastante usados os jogos pedagógicos como recursos didáticos (estudos sobre o campo da educação não formal afirmam que esse uso é feito por educadores dos espaços não escolares).

Ao focarmos suas práticas pedagógicas na relação de ensino-aprendizagem com seus alunados e as formas de levar os conhecimentos propostos, podemos perceber que são ações que apresentam particularidades, uma vez que focam bastante as necessidades de cada criança/adolescente atendido, embora muito similares àquelas encontradas nos espaços formais, como a escola. Durante as observações, em que estivemos inseridos nas atividades, averiguamos que há práticas pedagógicas que se tornam meras reprodutoras de um determinado conhecimento, como também existem momentos de busca de caminhos diferenciados e fundamentados para (re)significar suas ações.

Assim sendo, comungamos com os estudos de Krammer (1993), pesquisadora das práticas de professores da Educação Infantil, a qual aponta que nenhuma prática é totalmente repetitiva, nem somente reflexiva, mas que, ao observá-las, podem ser encontradas no mesmo professor, tanto em momentos distintos quanto em um mesmo contexto.

Com base nessa perspectiva, averiguamos que ser educador no Projeto Janduí é estar comprometido com o desenvolvimento do outro, estar aberto às mudanças do ambiente, viver (re)organizando e se (re)adaptando a seus afazeres em prol das particularidades de seu aprendiz. Nesse sentido, esses contextos educativos além dos muros não escolares estão envolvidos com a inserção social, buscando ofertar diferentes aprendizagens conforme a necessidade de cada alunado, o que é papel de um educador com espírito inovador.

Devido ao trabalho do pedagogo como gestor e também como coordenador do projeto, na educação não formal, podemos compreender que o profissional da educação perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não formal. Assim, não é possível mais afirmar que o trabalho pedagógico reduz-se ao docente nas escolas (LIBÂNEO, 2011).

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de cunho qualitativo em educação (BIKLEN; BOGDAN, 1994), na medida em que acreditamos que um dos desafios da pesquisa educacional é o de captar o dinamismo dessa realidade, desvencilhando a complexidade de seu objeto de estudo em sua realidade histórica. A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, de que tudo tem potencial para construir uma pesquisa que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (BIKLEN; BOGDAN, 1994). Possui um olhar na perspectiva etnometodológica de

Coulon (1995), em que cada detalhe deve ser considerado para a construção das ações dos sujeitos envolvidos no trabalho, pois estas se constituem de diferentes elementos.

Como questão central, apontamos: de que forma pedagogos em espaços não escolares vêm desenvolvendo suas práticas pedagógicas? Já o procedimento metodológico inicial consiste na observação (VIANNA, 2007), focando em compreender o lócus, os sujeitos envolvidos e as ações realizadas diariamente. Como aprofundamento da pesquisa, utilizamos da entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 1987). O lócus de investigação das práticas dos pedagogos em espaços não escolares é o 13º Grupo de Escoteiros Maxwell de Barros Machado – Projeto Janduí/Assu-RN.

CONCLUSÃO

Quando pensamos no pedagogo, em diferentes contextos, bem como no lugar da Universidade na formação do educador, não há dúvidas sobre o papel essencial da formação inicial para os professores/pedagogos no campo das educações (BRANDÃO, 2007), a qual é a base do fazer pedagógico, responsável por desenvolver habilidades, competências e autonomia para atuarem em contextos diversos em que haja processos educativos. Salientamos que cabe ao curso de Pedagogia compreender os distintos ambientes educativos e suas particularidades, fomentando pesquisas e práticas que possibilitem as ferramentas essenciais para as práticas pedagógicas, as quais não se limitam somente à sala de aula.

Ao analisarmos a relação de formação do pedagogo para atuar em espaços não escolares e o que a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) propõe para seus alunos do curso de Pedagogia, identificamos no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Pedagogia que os alunos poderão discutir sobre o tema em 6 disciplinas, cujas ementas trazem a possibilidade concreta de contemplar o diálogo a esse respeito, a saber: Introdução à Pedagogia, História da Educação Brasileira, Gestão dos Processos Educativos, Práticas Pedagógicas Programadas II, Currículo e Estágio Supervisionado III. Dessa forma, compreendemos que a organização do currículo favorece o diálogo, a reflexão e o aprofundamento sobre essas questões do campo da educação não formal.

Entretanto, em discussões acadêmicas, percebemos que grande parte dos professores-formadores do Departamento de Educação da UERN dialoga constantemente sobre suas preocupações acerca da atuação do pedagogo em espaços não escolares, tendo em vista a necessidade de fundamentações teóricas a respeito do que realmente trata esse campo.

Essa dificuldade de compreensão, de clareza teórica, apresenta-se a partir, pelo que podemos parcialmente levantar, de uma maior explicação/conceituação do próprio documento das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia, Parecer CNE/CP n. 5/2005, sobre o que significa, de fato, esse “espaço não escolar”, termo encontrado no corpo do texto, o qual é reproduzido pelo PPC sem maiores aprofundamentos.

Enfim, as discussões apresentadas neste artigo são contribuições para ressaltar a importância do papel das ações desenvolvidas em espaços nos quais a educação acontece de modo não formal; do reconhecimento do trabalho pedagógico significativo do pedagogo; do pedagogo como profissional da educação com habilidades e competências para atuar em contextos que apresentem processos educativos. Contribuem, ainda, para novos estudos, para uma nova caminhada, a qual servirá para dar prosseguimento a todos aqueles que necessitam refletir criticamente a respeito da prática pedagógica de profissionais da educação, especificamente o pedagogo no campo da educação não formal, e que também desejem colaborar com o processo de transformação da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo J. Sociologia da educação não escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, Antonio J. (Org.). **A sociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento**. Porto: Afrontamento, 1989. p. 81-96.

BIKLEN, Sari K.; BOGDAN, Roberto C. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvez. Porto: Porto, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 20).

BRASIL. Ministério de Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia**. Brasília: MEC/CNE, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2012.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FÁVERO, O. **Tipologia da educação extraescolar**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Instituto de Estudos Avançados em Educação, 1980.

GOMES, Alessandra de Fátima Borges. **A Pedagogia Social na Educação Infantil**. Disponível em <http://www.webartigos.com/articles/16141/1/a-pedagogia-social-na-educacao-infantil/pagina1.html>. Acesso em 04/05/2009

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Questões da nossa época, v. 71).

KRAMMER, Sonia (Org.). **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para educação infantil. São Paulo: Ática, 1993.

LIBÂNIO, José Carlos. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. In: PIMENTA, Selma G. (Org.). **Pedagogia e Pedagogos**: caminhos e perspectivas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 63-100.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular em busca de alternativas**: uma leitura desde o campo democrático e popular. Porto Alegre: Tomo, 2001.

PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro; CARNICEL, Amarildo. **Palavras-chave em Educação não formal**. Campinas: UNICAMP/CMU; Holambra: Setembro, 2007.

PETRUS, Antoni. **Novos âmbitos em Educação Social**: profissão: Educador Social. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. **Educação formal e não formal**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008. (Coleção Pontos e Contrapontos).

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de Ensino-Aprendizagem e projeto Político-Pedagógico**: elementos metodológicos para elaboração e realização. 16 ed. São Paulo: Libertad, 2006. (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 1).

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1994.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação**: a observação. Brasília: Liber Livro, 2007.